Reunindo fragmentos: experiência de uma etnografia numa cena de uso de crack no centro do Rio de Janeiro

Rodolfo Ferreira
Orientadora: Maria Claudia Coelho
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ)

Resumo

O texto a seguir reflete sobre as dificuldades encontradas no trabalho de campo para a minha pesquisa de Doutorado, onde propus pensar as emoções de consumidores problemáticos de crack numa ocupação no centro da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa foi produzida a partir de uma etnografia realizada na ocupação Colombo, que fica na Gamboa, região central da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, penso sobre os obstáculos para empreender uma etnografia, uma descrição densa, num cenário aparentemente tão fragmentado e como compreender e interagir num ambiente que, num primeiro momento, parece caótico e fugidio.

Ao longo da pesquisa, fui percebendo que a incompletude não era exatamente um problema, mas um dado da pesquisa. Ao reunir os fragmentos, fui construindo o quebra-cabeças que passou a formar um cenário com uma dinâmica própria.

Palavras-chave: Antropologia das Emoções. Etnografia. Drogas. Ocupação.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

Introdução

Na pesquisa para o Doutorado (Silva, 2024), propus pensar as emoções de consumidores problemáticos de crack[1] numa ocupação no centro da cidade do Rio de Janeiro, a partir do referencial teórico da Antropologia das Emoções, numa perspectiva contextualista, entendendo as emoções em uma dimensão pragmático-discursiva, como uma ação social. O recurso à noção foucaultiana de discurso, permitiu evidenciar a dimensão micropolítica das emoções, revelando as distinções e relações de poder e moralidades que permeiam o cotidiano dos moradores/frequentadores da ocupação Colombo. Aqui, a vergonha emergiu como afeto central, atuando num duplo sentido: por um lado, surge como expressão de um certo ressentimento pela forma como são vistos e tratados pelos "outros" e se reflete na própria "construção de si". Por outro lado, também atua como catalizador de relações de sociabilidade e solidariedade, conferindo aos moradores/frequentadores um sentido de pertencimento e comunidade.

[1] Segundo relatório da OMS-UNDOC, pelo menos 8% dos indivíduos que começam a usar drogas psicoativas desenvolverão um transtorno por uso de drogas ao longo do tempo, com variações significativas para diferentes classes de substâncias psicoativas. O uso problemático ou "transtornos devido ao uso de drogas" compreendem uma categoria mais ampla de condições de saúde que incluem intoxicação, síndrome de abstinência e uma série de transtornos mentais induzidos por drogas. Muitas vezes andam de mãos dadas com um desejo significativo de usar drogas psicoativas, que pode persistir ou facilmente ser reativado, mesmo após um longo período de abstinência. Muitas vezes, os transtornos por uso de drogas estão associados com uso perigoso ou prejudicial de outras substâncias psicoativas, como álcool ou nicotina, ou com dependência de álcool e nicotina. Relatório da OMS-UNODC International standards for the treatment of drug use disorders – Revised edition incorporating results of field-testing, 2020 p. 04. Disponível em: https://apps.who.int/iris/handle/10665/331635.

A pesquisa foi produzida a partir de uma etnografia realizada na ocupação Colombo, que fica na Gamboa, região central da cidade do Rio de Janeiro. A ocupação Colombo é um prédio que pertenceu a antiga confeitaria Colombo e que foi ocupado nos anos 2014-2016 por militantes anarquistas sob o nome de ocupação Machado de Assis. Desocupada durante o processo de "revitalização" da região, conhecido como projeto Porto Maravilha, a ocupação ressurgiria recentemente, como uma espécie de "apêndice" do varejo de drogas do Morro da Providência. Após a implantação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) no Morro, os varejistas de drogas utilizam uma estratégia de dispersão do comércio e consumo de crack, visando criar um movimento mais fluido, dificultando as ações policiais. Dessa forma, a venda de crack se dá na rua ao lado, numa ocupação conhecida como Elma, enquanto o consumo ocorre na ocupação Colombo, restringindo aos dois prédios, tanto o comércio como o consumo de crack, criando uma dinâmica própria, que pretende afastar das redondezas da Central do Brasil consumidores vistos como "cracudos", ou seja, indivíduos que desenvolveram uma corporalidade imediatamente associada ao consumo de crack.

Nesse sentido, a questão que gostaria de discutir aqui é a seguinte: como produzir uma etnografia numa região onde as garantias para tal não estão dadas? Como pesquisar uma cena fragmentada, onde há uma temporalidade específica, baseada na tríade abstinência-uso-abstinência? Como compreender e interagir num ambiente que parece caótico, fragmentado, fugidio?

Essas foram as questões que me inquietaram ao longo da pesquisa. As soluções que propus, aponto a partir do próximo tópico.

Uma etnografia do fragmento

Ao entrar na ocupação, um forte cheiro de mofo e urina me chamou atenção. Provavelmente em função do calor, o lixo exposto no baldio que ficava nos fundos do prédio ficou com um cheiro ainda mais agressivo. Notei um rapaz tomando banho na torneira do primeiro andar, único ponto de água do local.

Assim que passei por ele, fui abordado por outro morador que me pediu dois reais. Expliquei cordialmente que não tinha o dinheiro, ele me agradeceu e seguiu ali, sentado no chão, refletindo provavelmente sobre como faria para resolver o seu problema.

Dirigi-me ao segundo andar, onde encontrei Nicole, a responsável pela ocupação. Ela me levou para sua "casa"[2], onde me mostrou animadamente as fotos da festa de aniversário de um ano da sua filha que vivia com a irmã de Nicole na Cidade Alta. Primeiro, trouxe o ímã de geladeira e um copo que foram dados como lembrança. Depois, me mostrou as fotos e foi me apresentando a seus parentes, descrevendo com riqueza de detalhes cada um deles. Ela também destacou que a festa teve o tema "Princesas", com um enorme bolo dourado no centro da mesa toda enfeitada. Havia uma foto de Nicole, com a filha no colo, muito feliz ao lado da sua mãe e irmã. Quando pergunto por que ela não está sorrindo nas fotos ela me responde que está muito feliz, mas que a falta de dentes a impede de manifestar essa alegria sob forma de um sorriso largo, segundo ela própria. Ela fala da filha com muito amor e muita felicidade, realçando o fato de sua irmã ter gastado mil reais na festa.

Ela está tão feliz com toda a situação envolvendo a filha, que insiste em conseguir que uma das duas moças que estão conosco faça sexo oral em mim. Eu explico para ela que isso não era

[2] As "casas" dos moradores são, na verdade, divisórias feitas de compensado ou papelão, delimitando os espaços que cada um ocupa.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

necessário, que eu sou casado e que estava ali por outros motivos, mas parece que para ela isso não importava muito. Era como se ela estivesse me fazendo uma grande gentileza, algo que só alguém muito próximo conseguiria. Eu percebo isso e tenho muito cuidado para lidar com a situação, para conseguir me desvencilhar sem parecer moralista ou arrogante. Enquanto conversamos, as moças e Nicole fazem uso de crack e maconha. Nicole me conta que elas trabalham como prostitutas no centro do Rio. Talvez por isso a insistência em me "presentear", uma vez que eu teria acesso a um serviço que as pessoas precisam pagar para acessar. Mais uma vez eu consigo me desvencilhar e explicar que a sua ajuda para a produção do meu "livro" era mais do que suficiente para me deixar feliz. Nesse momento, Magrão me chama, respiro aliviado e saio da "casa" de Nicole para falar com ele.

Magrão vai me contando sua história enquanto tenta consertar um fogão elétrico de duas bocas. Ele me disse que aprendeu o serviço de eletricista numa de suas passagens pela prisão, que somando todas, chegam à casa dos doze anos. Segundo ele, já "passou" por todos os artigos, do tráfico ao assalto à mão armada, furto, entre outros. Ele me diz que veio para a ocupação porque não pode voltar para o município onde vivia, pois os seus irmãos foram assassinados e ele estaria "jurado de morte". Assim, vive na ocupação, ou melhor, "vegeta", pois segundo ele "isso aqui não é vida."

Ele me conta que foi criado num colégio interno, que não conheceu os seus pais, mas que sabe que é prematuro, tendo nascido aos sete meses, num município da Baixada Fluminense. Segundo ele, está na "vida do crime" desde os treze anos de idade, tendo atuado como "soldado" de um dos líderes/fundadores da maior facção do Rio de Janeiro. Diz com um certo orgulho que aos quinze anos de idade já portava um "fuzil enorme" no "Complexo", conjunto de comunidades na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Magrão revela que também já trabalhou com reciclagem de papelão na empresa de uma "atriz global" e destaca, com ênfase, como conseguia conversar "frente a frente" com ela, sem qualquer problema. Foi durante esse trabalho que ele encontrou no lixo de um banco cerca de 20 mil reais. Segundo ele, uma estratégia comum que pessoas que trabalham em bancos utilizam quando querem furtar algum valor. O dinheiro estava separado em quatro pacotes de 5 mil reais cada. Magrão conta que comprou uma moto com parte do dinheiro e que isso foi uma tragédia, já que ele não conseguia mais parar em casa e acabou gastando o restante com drogas e "farras".

Voltando à questão da prisão, diz que na visão dele "a cadeia é uma faculdade". Além do trabalho como eletricista ele teria aprendido algo que seria decisivo para sua sobrevivência: a diferença entre "falha e vacilação". Segundo ele, "falha" é quando "o cara acaba de ser preso e não conhece o regimento do Comando", ou seja, seus "erros de comportamento" não são intencionais. Já a "vacilação" ocorre quando o sujeito já conhecia todas as regras, mas opta deliberadamente por não as cumprir. Enquanto o primeiro comportamento é passível de uma advertência, o segundo pode levar à punição física, como ter braços e pernas quebrados, até a morte, dependendo do nível de "vacilação".

Magrão me conta, então, como essas "leis da prisão" ajudaram a forjar sua autoimagem e sua identidade. Segundo ele, estudou até a quarta série, mas mostrou-se bastante articulado e inteligente. O detalhe é que desde que ele me contou suas histórias eu passei a observar melhor o seu comportamento e pude notar como realmente ele quase sempre se mantinha fora de polêmicas, falava pouco e parecia observar muito. Estava sempre presente de maneira bastante discreta e não fazia a menor questão de participar de discussões e/ou brigas. Enquanto conversa comigo, Magrão fuma crack, mas não apresenta qualquer alteração no comportamento em função do uso.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

Fico pensando na quantidade de informações que obtenho, mas me inquieta o fato de que tais informações me chegam, na maioria das vezes, de maneira fragmentada e desordenada. Será que devo "construir" uma narrativa que faça sentido aos leitores? Ao fazer isso, não estaria negando-lhes acesso a uma dimensão importante do campo, justamente o seu caráter fragmentado?

Primeiramente, devo confessar o profundo impacto que sofri após a leitura do livro de Milito e Silva (1995). Abordando o dia a dia de meninos e meninas em situação de rua, personagens que vivem também um cotidiano imprevisível e fluido, de relações e encontros fragmentados, os autores trazem à tona uma teia de diálogos e de representações que envolvem tanto meninos e meninas, como também a população da cidade do Rio de Janeiro, passando pelos agentes mediadores, fundamentais no processo de interpretação deste universo. A etnografia é produzida através de descrições e reflexões entrelaçadas, resultado de um ritmo também fragmentado da pesquisa de campo. O texto é belíssimo e produz um lirismo que quase suaviza a rudeza do tema.

Para um "observador externo" preocupado apenas com a "superfície" ou as "aparências", a cena que pesquiso parece caótica. De fato, o entra e sai da ocupação de moradores e usuários torna o ambiente "acelerado". Há um senso de urgência grande que parece ser definido por uma temporalidade específica, estabelecida através da tríade uso-abstinência-uso. Recordo-me de um certo desconforto que senti nas primeiras vezes em que estive no local porque eu não conseguia "prender a atenção" de ninguém. Embora gentis comigo, as pessoas estavam sempre "com pressa" e ficavam irritadas se a nossa conversa se estendesse por muitos minutos. Foram poucas as pessoas com quem consegui gravar uma conversa de cerca de uma hora. No entanto, foram inúmeros os contatos com pessoas em que registrei fragmentos, minutos de conversa.

Isso me incomodava, até que numa conversa com minha orientadora pude perceber que esse era mais um dado de pesquisa. A incompletude, a rapidez dos relatos, a necessidade de falar rapidamente e sair eram também um importante dado, uma vez que informavam muita coisa sobre os hábitos, percepções e prioridades dos meus interlocutores. Aqui, o não-dito e o gestual ganham contornos de centralidade, já que estava diante de uma "etnografia do fragmento". Dito de outra forma, como um quebra-cabeças, eu precisaria encaixar as peças desses relatos fugidios e fragmentados que constituíram o principal material de pesquisa que pude produzir. Digo principal porque ainda consegui gravar conversas mais longas com figuras que julguei centrais para a compreensão da dinâmica da ocupação. Assim foi que conversei por mais de uma hora com Aline, a primeira "responsável" pelo local, depois presa. Conversei com Alexandre, também preso e com sua esposa, Nicole, que viria a se transformar na sucessora de Aline. Ainda tive a oportunidade de conversar longamente com outros personagens, como Joca, que tem esse apelido da época em que era Jockey, e Carlos, sobrevivente da chacina da Candelária, entre outros que surgiram pelo caminho. Nesse sentido, o que aparentava ser uma dificuldade se transformou num terreno fecundo para o aprofundamento da reflexão que proponho.

A partir da publicação dos diários de campo de Malinowski, Clifford Geertz (1997) questiona sobre o que seria fazer uma etnografia. Tendo em vista que tais diários revelaram um antropólogo nem sempre paciente, muitas vezes intolerante, irritado e solitário, Geertz aponta, para além destas constatações, o que eles poderiam nos revelar sobre a natureza do trabalho de campo. Assim, discorre sobre uma série de atributos que seriam necessários ao antropólogo para desenvolver tal trabalho. Segundo ele, fazer uma etnografia pressupõe habilidades que transcendem a empatia. Assim, diz ele, só se torna possível conhecer as grandes diretrizes culturais se você se detiver nos detalhes. Dito de outra forma, o pesquisador deve ser capaz de "traduzir" conceitos de "experiência próxima", ou seja,

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

categorias nativas, para conceitos de "experiência distante", o que significa explicar o conceito para alguém que não se orienta por aqueles conceitos de "experiência próxima".

Nesse quadro, a questão que se coloca é a seguinte: como ver o mundo do ponto de vista do nativo? Como "traduzir" esta experiência próxima? Para Geertz, devemos procurar e analisar as forças simbólicas em cujos termos as pessoas realmente se representam para si mesmos e para os outros. Assim, o autor propõe uma hermenêutica pela qual interpreta a sociedade como um texto que é visto como um conjunto de partes individuais, realizando um movimento "pendular" entre dois polos, ou seja, "experiência próxima" e "experiência distante". (ERIKSEN, 2007, p. 127). Segundo Geertz: "Limitar-se a conceitos de experiência próxima deixaria o etnógrafo afogado em miudezas e preso em um emaranhado vernacular. Limitar-se ao de experiência distante, por outro lado, o deixaria perdido em abstrações e sufocado em jargões." (GEERTZ, 1997, p. 88).

Nesse sentido, a questão aqui é descrever não apenas o que os sujeitos fazem, mas buscar perceber o que eles acham que fazem. Devemos então procurar e analisar as formas de representação simbólicas, como palavras, imagens e comportamentos com os quais os sujeitos efetivamente se representam para si mesmos e para outros. Ao contrário de tentar trazer a experiência do outro para nossa própria realidade, o que ele propõe é que busquemos "ver a experiência de outros com relação à sua própria concepção de eu." (GEERTZ, 1997, p. 91).

Destarte, produzir uma etnografia tem a ver, então, com a capacidade do pesquisador de estabelecer uma relação de credibilidade com seus pares. Não bastaria, segundo essa visão, a produção de um texto denso ou com muitos recursos literários. A credibilidade está relacionada com a capacidade do pesquisador de demonstrar que ele efetivamente "esteve lá" (GEERTZ, 2002), de que houve a troca, de que foi "afetado" pelo grupo pesquisado. A tarefa de "estar lá", assim, não se resume apenas à comprovação de que se esteve fisicamente no lugar, mas traduz a capacidade de mergulhar nos detalhes e nas peculiaridades do grupo estudado, revelando assim um pouco dos detalhes e das especificidades do próprio grupo do pesquisador, conferindo um papel de destaque para a subjetividade do pesquisador, seja na construção do objeto, seja no trabalho de campo propriamente dito.

> Identidade/subjetividade deixam, assim, de ser intrusos indesejáveis do processo de pesquisa (...) e passam a integrar o próprio projeto de conhecimento da alteridade, com espaços passíveis de ocupação pelo etnógrafo e a forma como é tratado pelo grupo sendo entendidos como dados de campo, como maneiras que o grupo tem de dizer quem é por meio da relação que estabelece com o pesquisador. (COELHO, 2016, p. 10).

A proposta de trabalho de campo que busquei, portanto, busca estabelecer uma relação de "intropatia", entendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro, ouvindo com atenção, curiosidade e interesse:

> A atitude de simpatia em relação à pessoa, e a tentativa de descoberta das categorias que estão no centro de seu sistema de pensamento e de ação, não constituem dois elementos separados. O pesquisador começa com um papel de composição: ele é gentil, receptivo, e acolhe muito positivamente tudo o que é dito. Quando as categorias mais operatórias são isoladas, tudo então começa a se encadear. (KAUFMANN, 2013, pp. 84-85)

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

Mas como descrever "corretamente" o outro? Como representá-lo? Acredito que esta seja uma "via de mão dupla", pela qual pesquisador e pesquisado se "afetam" mutuamente, trocando vivências que, obviamente, dizem muito a respeito do próprio pesquisador, suas escolhas teórico-metodológicas, que passam inclusive pela construção do próprio objeto de pesquisa. Nesse quadro, procuro circunscrever o alcance da pesquisa ao universo pesquisado, entendendo as especificidades de cada cena de uso de crack na cidade do Rio de Janeiro como microcosmos onde muitas vezes o único ponto em comum é a relação que se estabelece com a droga. A cena que pesquisei não é a mesma que a cena do bairro da Glória, nem do Jacarezinho, de Manguinhos ou de Copacabana. Cada cena dessas guarda particularidades que têm muito a ver com a administração do espaço público e os dispositivos de poder e controle locais.

Os sujeitos também são outros. É particular a relação que cada um guarda com o crack, como diversas são as estratégias para manter o consumo, suas rotinas, visões de mundo e, sobretudo para o meu propósito, as formas de expressão de sentimentos.

> No processo de generalizar a partir de experiências e conversas com pessoas específicas da comunidade, o antropólogo pode obscurecer suas diferenças e homogeneizá-las. O esforço para produzir descrições etnográficas gerais das crenças e ações das pessoas arrisca suavizar as contradições, os conflitos de interesses, as dúvidas e as brigas, além das alterações nas motivações e nas circunstâncias históricas. Além de sua fragilidade teórica, esse apagamento do tempo e dos conflitos é enganoso, pois faz com que aquilo que se situa dentro da fronteira delimitada pela homogeneização pareça essencial e fixo. (ABU-LUGHOD, 2020, p. 46).

O conhecimento produzido pelo senso comum retrata estes espaços como violentos e perigosos. Pessoas em situação de uso problemático de drogas não seriam "confiáveis" e não são raros os casos divulgados pela imprensa de episódios de crimes bárbaros cometidos por sujeitos sob efeito da droga.[3]

Nesse sentido, segregar os sujeitos tachados como "cracudos" – indivíduos que desenvolveram uma relação de uso problemático com o crack4 – teria o efeito apenas de reforçar a segregação e a "cultura da evitação" (MILITO &SILVA, 1995). Por outro lado, tratá-los como são, ou seja, pessoas dotadas de expectativas próprias, captar essas histórias, acessar suas emoções, ainda que de forma fragmentada e díspar, com foco muitas vezes no "não-dito", pode nos ajudar a compreendê-los melhor. O uso problemático de crack nos conta apenas uma parte da história desses sujeitos, penso. Aqui, emergem histórias, trajetórias, traumas que se entrecruzam na cena de uso.

Vivemos na mesma cidade, mas isso não significa de maneira alguma que conheçamos de fato todos os pontos de vista daqueles que nos cercam, sobretudo de áreas mais distantes e zonas "conflagradas".

Nesse quadro, caberia ao pesquisador procurar "despir-se" dos estereótipos e modelos explicativos pré-estabelecidos para que possa "traduzir" o ambiente estudado. Esta tradução, no entanto, não está dissociada da subjetividade do pesquisador. Não se trata aqui de negar o rigor e o

[3] Ver, por exemplo "Epidemia do crack: a violência gerada pelo vício". Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/886899/

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

caráter científico do trabalho, mas de se perceber como parte do processo de interpretação do fazer antropológico.

Nesse contexto, a questão central é a de como ouvir os usuários em profundidade num ambiente onde as "garantias" para tal não estão dadas. A saída, me parece, é a busca por fragmentos, por histórias contadas não apenas por meio da oralidade, mas por gestos, comportamentos, expressões, enfim, qualquer pista que possa nos colocar em contato com histórias e emoções dos moradores/usuários. Como nos informa Foote Whyte (2005):

> Quando pensamos o que vemos, somos forçados a reexaminar nossas notas e, talvez, coletar novos dados a fim de determinar se o padrão percebido representa adequadamente a vida que observamos ou é simplesmente um produto da nossa imaginação. A lógica, então, tem uma participação importante. Mas estou convencido de que a evolução real das ideias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver. (FOOTE WHYTE, 2005, p. 284).

Aquilo que considero "real" é percebido como tal através da minha "lente de observação". Há, portanto, de se relativizar as noções de "distância" e "objetividade", buscando estabelecer os limites necessários para que se não incorra numa atitude solipsista. A pesquisa é sobre um grupo determinado, não sobre o pesquisador.

Sendo assim, como atuar de forma isenta? É possível estabelecer uma relação de estranhamento com o "familiar"? Da Matta (1978) discute aquilo que chama de aspectos "interpretativos" do etnólogo, ou seja, aquilo que está sempre pronto a emergir numa situação de encontro entre humanos. Assim, destaca dois caminhos possíveis: tornar o exótico familiar ou o familiar exótico. No segundo caso:

> É um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar. E, de fato, as viagens xamanísticas são viagens verticais (para dentro ou para cima) muito mais do que horizontais, como acontece na viagem clássica dos heróis homéricos. E não é por outra razão que todos aqueles que realizam tais viagens para dentro e para cima são xamãs, curadores, profetas, santos e loucos; ou seja, os que de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura. Como consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento (DA MATTA, 1978, p, 29).

O pesquisador-xamã é aquele que viaja sem sair do lugar, mergulhando profundamente na sua própria cultura a fim de desenvolver uma nova perspectiva, um olhar diferenciado sobre as experiências e trajetórias que se desenrolam.

Já para Gilberto Velho (1978), o próprio conceito de familiar pode e deve ser relativizado:

> O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

> Da janela de meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil enquanto a alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos esses indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças e valores é altamente diferenciado. (VELHO, 1979, p.39).

Do ponto de vista de uma pretensa "objetividade" científica, como então não incorrer em nenhuma distorção, tendo em vista que um conhecimento prévio do campo poderia assim obnubilar o estudo? Como deve, então, posicionar-se o "pesquisador nativo"? Segundo Becker (1967):

> O que fazemos enquanto isso? Desconfio que a resposta seja mais ou menos óbvia. Nós optamos por um lado segundo o nosso comprometimento político e pessoal, usamos os nossos recursos teóricos e técnicos para evitar distorções que possam ser introduzidas no nosso trabalho, limitamos cuidadosamente as nossas conclusões (...). (BECKER, 1967, p. 247, tradução minha).

Assim, procurei ao longo da pesquisa estabelecer parâmetros e critérios de análise que garantissem o máximo de rigor possível, combinando técnicas e métodos de pesquisa que pudessem me auxiliar na compreensão de um universo complexo, composto por diversas camadas e bastante desafiador, sobretudo pela sua volatilidade. A cena pesquisada é inédita e, portanto, tive que construir, "pavimentar" um caminho que passou desde a aproximação com militantes locais, comerciantes do bairro, moradores, até chegar aos meus interlocutores. Perdi as contas de quantas vezes lavei o meu carro no lava-jato precário que fica na esquina da ocupação, apenas para observar o lugar e conversar com os rapazes que executavam o serviço. Percebi que, para eles, os moradores/frequentadores da ocupação não eram lá muito bem-vindos, pois causavam uma má impressão do local, "afastando os turistas." Por outro lado, não foram capazes de me apresentar qualquer fato ou evento que corroborasse essa tese. Ficou evidente que o mal-estar que os moradores da ocupação causavam era aos próprios jovens, e não a (im)prováveis visitantes daquela localidade.

Voltando ao Magrão, no final da nossa conversa, ele me pareceu cansado de viver na ocupação. Reclama muito de uma hérnia que o impediria de carregar peso e, portanto, de trabalhar. Disse que antes disso trabalhava para os camelôs da Central do Brasil, executando pequenas tarefas, como pagamento de contas, compras e transporte de mercadorias. No final da nossa conversa, ele dizia que gostaria de deixar a ocupação, mas que não conseguia porque se tratava de algo "espiritual". Também afirmou que se sente constrangido por fazer uso de crack e que as pessoas da sua família dizem não o reconhecer mais.

Enquanto conversava com Magrão, Nicole me chama de novo. Visivelmente irritada e com ciúmes, ela me disse que eu não estava lhe dando atenção. Ouvindo a conversa que tive com Magrão, me contou que também não estava se sentindo bem na ocupação. Disse que sentia vergonha de viver nessa situação, mas que sua maior vergonha foi a de ter sido algemada à luz do dia, na frente de muitas pessoas num ponto de ônibus. Perguntei quantas vezes ela já tinha sido presa e ela me disse que foram 31 passagens, também por todos os artigos, exceto estupro.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

É interessante notar a mudança de humor que havia se processado em Nicole. Ela estava feliz com o aniversário da filha quando cheguei, mas agora estava triste após ouvir as histórias de Magrão. Ela me abraçou e disse que gostava de mim como se fosse seu irmão. Talvez por isso ela pensasse que seria uma espécie de "gentileza" e insistia para que eu aceitasse os serviços de suas conhecidas que eram prostitutas. Pergunto pelo Alexandre, seu marido. Ela me conta que ele ainda estava preso. Diz que quer largar o crack, mas que não consegue. Por fim, desabafou sobre o que considera ser uma "grande hipocrisia da sociedade", pois as autoridades não cuidam das pessoas – pessoas com problemas com drogas – e, depois que as pessoas "se viram para sobreviver", são criticadas e julgadas.

Aqui, temos várias pistas para a construção dos argumentos que pretendo desenvolver. A vergonha de Magrão e Nicole, os sentimentos de inadequação que relatam, dizem muito sobre a forma como acabam por internalizar uma percepção corrente no senso comum, fortalecendo sentimentos de baixa autoestima, exclusão e hierarquização. Por outro lado, é interessante notar que essa vergonha pode também operar como uma espécie de "marcador de identidade". Ambos querem "deixar a ocupação", mas não conseguem porque temem o julgamento dos "outros", daqueles que não estão "na mesma situação que nós". Ou seja, parece que a vergonha e a maneira como internalizam esse afeto operam num duplo sentido: se por um lado reforçam a chamada "cultura da evitação", por outro aglutinam esse grupo "desviante" que passa a construir um novo sentido e identidade a partir também desse afeto.

Como disse anteriormente, na etnografia a vergonha surge como afeto central, seja para incorporar a noção do senso comum sobre a construção do "cracudo" – caracterizado por um tipo de corporalidade específica –, seja também para atuar no sentido da construção de uma subjetividade alicerçada no sentimento de pertencimento ao grupo.

Segundo os moradores/frequentadores me contaram, a condição de moradores de uma ocupação ou de pessoas em situação de rua, usuários de crack estigmatizados sob a pecha de "cracudos", os coloca diante de toda sorte de preconceitos e humilhações. Assim, as pessoas nas ruas os tratam com "nojo e desprezo, atravessando a calçada para nos evitar". O nojo, portanto, surge como uma categoria que pretende estabelecer uma distinção entre mim e o outro, contribuindo inclusive na construção de uma autoimagem pela diferença. A alteridade, nesse caso, surge com uma condição da identidade. Segundo Miller:

> Quando o desprezo convencional das classes altas se torna incerto de sua garantia, quando as classes mais baixas não são mais invisíveis ou seguramente desatendidas, quando constituem fontes bastante intrusivas de preocupação e ansiedade, então, como acabei de indicar o desprezo se reconstitui em uma forma diferente. Não é mais capaz de uma indiferença complacente, move-se em direção ao horror, medo, ódio e nojo. (MILLER, 1997, p. 237, Tradução minha).

Dito de outra forma, quando o desprezo pelo outro não é mais suficiente. Quando o outro, que julgo inferior por suas maneiras, hábitos e costumes (ELIAS, 2011), não se contenta em manter-se a uma "distância segura" e ameaça com seus gestos e modos "grosseiros e agressivos" o "meu lugar", o nojo vem à tona, transubstanciado em discurso de ódio (WALDROM, 2012).

Na gramática dos afetos, nojo e abjeção operam então como marcadores de distinção e poder, demarcando fronteiras e estabelecendo diferenciações entre moradores do bairro e "arruaceiros", que

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

enxergariam ali uma oportunidade para auferir ganhos fáceis. Sobre a questão de menores em situação de rua, Milito e Silva nos dizem que:

> Aí está a chave de tudo: os símbolos mudaram. Pouco importa o que foi a Cidade Maravilhosa, tantas vezes celebrada em músicas populares como uma mulher sensual. Ora, os símbolos, as joias da Falecida extraviaram-se nos rituais do velório. A Diabólica ora em cena adorna-se com joias faiscantes, corrosivas, cortantes, símbolos do novo tempo. Não o tempo real lá fora a escorrer, mas o tempo lógico (um mais simples e familiar que o lacaniano) da verificação de que a arquitetura da belle époque, a varanda, o cercado, o quintal, o bonde, a igreja, a praia já não contêm mais os nítidos limites de outrora, e que o "outro" múltiplo da miséria nacional aprendeu a pular a cerca, pisar em areias sagradas, vomitar no adro da igreja. O que fazer? (MILITO & SILVA, 1995, p. 38).

O nojo então demarca uma distinção entre nós e eles. Milito e Silva prosseguem:

> Pode-se, no entanto, dizer que esses sujinhos serão os infratores de amanhã. Esta é, sem dúvida, uma possibilidade, mas a relação medrosa ou de qualquer relação podem estar a contribuir mais para a formação do futuro infrator que todo o trabalho de todas as instituições que 'alimentam bandidos'. Até porque, já que estamos no território do lugar-comum, ódio e indiferença talvez conformem mais facilmente a psicologia do tipo delinquente que amor e atenção. (MILITO & SILVA, 1995, p. 51).

Obviamente, esses meninos e meninas também têm sonhos e expectativas, mas suas vidas são atravessadas quase sempre por episódios marcantes de violência e/ou abandono. Nesse sentido, estariam, a princípio, privados de "flertar" com a normalidade. Estariam interditados.

Penso que o raciocínio acima, com relação aos menores em situação de rua, pode ser perfeitamente transportado para a situação dos usuários de crack. São pessoas que devem ser evitadas a todo custo. O desconforto que a presença "deles", os "cracudos", causa nos "outros", os "cidadãos", contribui fortemente na construção de sentimentos de desprezo, de nojo, de ódio. Dormem na rua, fazem suas necessidades nas calçadas, atrapalham o sono com barulhos e brigas durante a madrugada, assaltam e importunam.

São constantemente desafiados a manter a própria sobrevivência. Para tanto, se utilizam das "armas" que estiverem à disposição. Isso não significa, como vimos, que não expressem sentimentos genuínos de viver numa situação de "normalidade", na qual almejam trabalhar, ter uma família, enfim, incorporar papéis socialmente identificados com "pessoas de bem". É, portanto, nesse quadro, que acabam incorporando aquilo que Milito e Silva (1995) definem como "cultura da evitação", elaborando em si próprios a construção de uma subjetividade na qual a vergonha emerge como afeto central.

Assim, gostaria de propor que a vergonha pode ser entendida como a maneira pela qual os moradores/frequentadores da ocupação acabam por internalizar essa "cultura da evitação". A vergonha, portanto, deve emergir pelo reconhecimento da ocupação de um "papel ou status estigmatizado", no qual existe a percepção pública de grande responsabilidade pela condição de "cracudo" e de que essa condição representa uma "ameaça" à coletividade. A maneira como essa

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

questão é incorporada pelos moradores da ocupação acaba por se refletir na construção de autoimagem marcada pela ideia de "defeito de caráter".

Thomas J. Scheff (2000) apresenta a hipótese de que a vergonha está aumentando nas sociedades modernas, ao mesmo tempo em que nossa consciência dela está diminuindo. Para ele, a vergonha, embora deliberadamente presente nas sociedades modernas, vem sendo camuflada e reprimida ao ponto de ter se tornado um tabu. Dessa forma, a "vergonha da vergonha" levaria muitos autores a "camuflar" esse sentimento por termos como medo, rejeição, desrespeito, estigma, honra, vingança. Assim, a vergonha pode ser vista como um afeto central na construção de sociabilidades. Para ele, a vergonha seria uma presença ou uma ameaça constante nos contatos humanos, ainda que apareça de forma velada.

Helen Lynd (1958) foi uma das principais referências teóricas de Thomas J. Sheff e sua principal influência no tema da vergonha. Segundo ela, os estudos sobre a vergonha foram durante muito tempo escamoteados sob a égide da culpa e por outras formas de sentido de construção do eu. Para ela, isso se deveu ao fato de a vergonha ser muito pouco enunciada e, portanto, muito pouco estudada.

Por outro lado, para Lynd, a vergonha poderia servir como "experiência reveladora", que ajudaria a despertar para uma autoconsciência, como explicitado a seguir:

> (...) não é por acaso que as experiências de vergonha são chamadas de autoconsciência. Estas experiências são caracteristicamente dolorosas. São geralmente consideradas como algo que deve ser escondido, evitado, encoberto – mesmo, ou especialmente, de si próprio. Mas é possível que as experiências de vergonha, se confrontadas de frente, possam lançar uma luz inesperada sobre quem somos e apontar o caminho para quem nos podemos tornar. Se for encarada de frente, a vergonha pode tornar-se, não primariamente algo a ser coberto, mas uma experiência positiva de revelação. (LYND, 1958, p. 19. Tradução minha).

Aqui, a vergonha ganharia um novo sentido, operando como catalizador de uma experiência positiva. Lembrei imediatamente da conversa com Júlia[4], a menina homossexual da Cidade de Deus, que detestava a maneira como era tratada pela família, mas que adorava ficar na ocupação porque "aqui ninguém me julga e abraça igual".

Dessa forma, se por um lado os moradores/frequentadores da ocupação Colombo identificam o seu uso como uma "falha moral", por outro, ao entrarem em contato com a própria história e narrarem os episódios de violência e privação que sofreram, parecem promover o "encontro" que Lynd (1958) chamou de "experiência positiva de revelação". A vergonha, então, passaria a operar como um afeto que confere sentido e promove um senso de pertencimento, a ideia de que, "aqui, não seremos julgados", como me revelou Júlia. O uso de crack, assim, seria mais um aspecto das suas vidas, não sendo suficiente para defini-los totalmente.

[4] Júlia mora na ocupação Colombo e conversou comigo sobre o fato de sua família não aceitar a sua sexualidade. Segundo ela, isso na ocupação Colombo não acontece, o que faz com que se sinta mais acolhida no local.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

Considerações finais

Ao longo do texto procurei demonstrar as dificuldades que enfrentei ao produzir minha pesquisa para o Doutorado. Fazer uma etnografia numa cena de uso crack, um local inóspito e bastante fragmentado, mostrou-se um desafio e tanto. A tarefa de descrever de forma densa um cenário onde as condições para tais não estão nem perto de se apresentar foi difícil, sobretudo no início do trabalho, quando eu ainda tateava pelo local e não era reconhecido por todos.

Aos poucos, no entanto, fui percebendo que o próprio caráter fragmentado da pesquisa era um dado que o campo me oferecia. De fato, era um dado riquíssimo que me ajudaria a pensar as dinâmicas locais, inclusive. Aqui, o que parecia caótico inicialmente começou a ganhar uma certa "lógica" e "ordem" e as coisas não pareciam mais tão "fora do lugar" assim. Fui percebendo que havia uma temporalidade própria, um ordenamento característico do local, uma "economia dos afetos" que revelava de maneira indelével a dimensão micropolítica das emoções, as hierarquias e diferenças que se estabeleciam.

Dessa forma, a vergonha emerge como afeto central. No entanto, se por um lado reforçava e promovia a internalização por parte dos moradores da ocupação Colombo de uma certa "cultura da evitação", era mais que isso.

Ao reunir os fragmentos, puder montar o quebra-cabeças e perceber que a vergonha, se por um lado reforçava um sentimento de afastamento característico do senso comum, operava também como um potente catalizador de relações de sociabilidade, sentimento de pertencimento e construção de subjetividades que aglutinavam ao invés de segregar.

Ao acompanhar o cotidiano dos moradores da ocupação Colombo, pude perceber como as suas trajetórias estiveram, na maior parte das vezes, atravessadas por episódios de violência e exclusão social. Esse foi um dado que surgiu tanto nas conversas quanto na observação participante desenvolvida no campo. Ali, ficou evidente como se trata de indivíduos que estão numa situação marginal e que, não fosse a ocupação Colombo, estariam fatalmente em situação de rua, em condições de vulnerabilidade ainda maior.

Sendo assim, gostaria de imaginar um cenário no qual as condições mínimas de dignidade sejam asseguradas: o direito a um teto, à alimentação e a garantias individuais básicas que poderiam lhes dar o estofo necessário para superar as vicissitudes que experimentaram, resultado de um modelo excludente que nega a alguns dos seus o direito de explorar plenamente todas as suas potencialidades humanas.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. *A escrita do mundo de mulheres: histórias beduínas.* Rio de Janeiro: Papéis Selvagens edições, 2020.

BECKER, Howard. *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

_____. *Whose side are we on?* California. University of California Press, 1967.

COELHO, Maria Claudia. *In*: LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. *Mana* [on-line]. 2012, vol.18, n.1 [cited 2014-09-24], pp. 213-224.

_____. Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções, *In*: *Mana – Estudos de Antropologia Social*, 16 (2), outubro de 2010.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

_____. Sobre tropas e cornetas: apresentação à edição brasileira de Writing Culture. In: Clifford, James; Marcus, George E. (orgs.). *A escrita da cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2016.

_____. As emoções e o trabalho intelectual. *Horizonte Antropológico*, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p.273-297, maio/ago.2019.

_____. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COELHO, Maria Claudia & REZENDE, Claudia Barcellos. *Cultura e sentimentos: ensaio em antropologia das emoções.* Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2011.

Da MATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo, ou como ter "Anthropological blues". In: NUNES, Edison de O. *A Aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *História da antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Volume I: uma história dos costumes.* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *O Processo Civilizador. Volume II: formação do Estado e Civilização.* Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo. Ed. Loyola, 1970.

_____. *Os Anormais.* São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro, Ed. LTC – Livros Técnicos Científicos, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.* Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor.* Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2002.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

_____. Embarrassment and Social Organization. *American Journal of Sociology*, Volume 62, Issue 3 (nov., 1956), 264-271.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In: LUTZ, Catherine e ABU-LUGHOD, Lila (orgs.) *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 69-91.

LUTZ, Catherine & Geoffrey M. White. The Anthropology of Emotions. *Annual Review of Anthropology,* vol. 15, 1986, pp. 405-36.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

LYND, Helen Merrell. *On shame and search for identity.* New York, Harcourt, Brace &World, Inc. 1958

MILITO, Cláudia &SILVA, Hélio R.S. *Vozes do meio fio*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

MILLER, William Ian. *The Anatomy of disgust.* Cambridge: Harvard University Press,

1997.

REZENDE, Claudia Barcellos & COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções.* Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010 (versão digital).

RUI, Taniele, 1982.*Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Campinas, SP: [s. n.], 2012. Orientador: Heloisa Andre Pontes. Co-orientador: Simone Miziara Frangella. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. Da deriva pela Avenida Brasil à fixação numa esquina na Maré: usuários de crack, refugiados da "pacificação." In: LEITE, Márcia et al. *Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção*, p. 57-68. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

_____. Nojo, humilhação e vergonha no cotidiano de usuários de crack em situação de rua, *Anuário Antropológico* [On-line], v.46 n.3 | 2021, posto on-line no dia 28 setembro 2021, consultado em 09junho 2023. URL: http://journals.openedition.org/aa/8925 ; DOI: https://doi.org/10.4000/aa.8925

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Tradução: Dorgival Caetano, 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

SCHEFF, Thomas J. *Microsociology: Discourse, emotion, and social structure.* Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

_____. Shame and the Social Bond: A Sociological Theory. *Sociological Theory*, vol. 18, no. 1, 2000 (1), pp. 84–99. JSTOR, http://www.jstor.org/stable/223283. Accessed 31 Jul. 2022.

_____. Shame as the master emotion of everyday life. *Journal of Mundane Behavior*, 1(3), 2000. https://doi.org/info:doi/.Acesso em 31/07/2022.

SILVA, Rodolfo Ferreira da. Memória, trauma e identidade :trajetórias na Irmandade de Narcóticos Anônimos. *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v. 8, n. 1, p. 74-87, jan./jun.2019. ISSN: 2358-4238.DOI: 10.29373/sas. v8i1.12476.

_____. *Segue o "fluxo"! Emoções a partir de uma etnografia numa cena de uso de crack.* Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Sociais. Orientadora: Maria Claudia Pereira Coelho. Defesa em 29/05/2024.

_____. *Uma Nova Maneira de Viver: (re)construção de identidades em Narcóticos Anônimos*. 1. ed. Rio de Janeiro: PoD Editora, 2024. v. 1. 196p.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566

_____. Observando o familiar. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

WALDROM, Jeremy. *The harm in hate speech.* Cambridge/London, Harvard University Press, 2012.

10.17771/PUCRio.ASCS.70566